

Eleições para diretor devem acabar

O processo de eleição direta para diretores de complexo e de escolas da rede oficial pode ser extinto. A Secretaria de Educação pretende substitui-lo por concursos internos, nos quais selecionaria os mais aptos para o cargo. Essa questão será uma das mais polêmicas para o fechamento do acordo coletivo entre o GDF e o Sindicato dos Professores — previsto para esta semana.

O secretário de Educação, Fábio Bruno — que, ao lado do ex-secretário de Educação, senador Pompeu de Sousa (PMDB-DF), instituiu o processo em novembro de 85 — é categórico em afirmar hoje que houve “precipitação” por parte do Governo. “Confundiram um cargo de confiança com um cargo eletivo”, resume.

A dor de cabeça da Secretaria

de Educação começou no ano passado com a exoneração do diretor do Complexo A de Ceilândia, Erasto Mendonça. Ele recusou-se a cumprir o “Projeto Irmãozinho” — que prevê a distribuição da merenda escolar aos irmãos de alunos com até seis anos de idade — classificando-o como medida demagógica em ano de eleições. Piorou mais ainda com o afastamento de 19 diretores, durante a última greve da rede oficial de ensino.

Nos dois casos, a comunidade escolar, sobretudo a estudantil, protestou contra a punição imposta pela Fundação Educacional. Ainda ontem, representantes de quatro grêmios escolares tentaram sem sucesso marcar audiência com o governador José Aparecido para pedir o retorno imediato dos diretores.

Em defesa da tese do concurso interno, o secretário Fábio Bruno argumenta que nas eleições de novembro de 85, um total de 84 diretores foram escolhidos, sem possuirem licenciatura de Administração Escolar — pré-requisito para o cargo. Acrescenta também que o concurso, a seu ver, é tão democrático quanto as eleições.

A presidente do Sindicato dos Professores, Lúcia Carvalho, refuta essa tese e defende a manutenção da escolha através da comunidade escolar (pais, alunos, professores e funcionários administrativos), conforme estabelecido no acordo coletivo do ano passado. “A democracia se constrói na prática. Se a primeira vez não fizemos a melhor escolha, não é extinguindo as eleições que vamos aprender”, analisa a sindicalista.